

RELAÇÃO ENTRE SEXO DA CRIANÇA E ASPIRAÇÕES EDUCACIONAIS E OCUPACIONAIS DAS MÃES *

MARIA M. MALTA CAMPOS **

YARA LÚCIA ESPOSITO **

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar se as expectativas que mães de crianças de 4 a 6 anos de idade têm a respeito do futuro de seus filhos são influenciadas pelo sexo da criança. Procurou-se verificar também se isto ocorre de forma diferente conforme a camada social considerada.

Para tanto foram analisadas as respostas obtidas através de entrevistas realizadas durante o ano de 1974 com 90 mães de nível sócio-econômico médio e 90 de nível baixo em São Paulo e 90 mães de Ceilândia, D.F.

A análise dos dados demonstra que as diferenças nas expectativas educacionais se acentuam conforme se passe da população de nível médio para a de nível baixo. Também foram encontradas diferenças entre as expectativas de realidade e o que as mães desejam idealmente para os filhos. Quanto às expectativas ocupacionais, verificou-se que elas também se diferenciam conforme o sexo da criança, sendo que existe uma maior flexibilidade na escolha de profissões para as meninas na amostra de nível médio.

SUMMARY

Mother's expectations about future occupations and educational attainment of boys and girls.

In this study an attempt was made to explore the variations in mother's expectations of boy's and girl's future occupations and educational attainment in three different social groups. There were one higher middle class group and one working class group from São Paulo and another very poor group living in a "favela" town near Brasília. Each was composed of 90 mothers of pre-school children, half of them answering about girls and the other half about boys.

In all three groups it was found that both educational and occupational expectations were higher for boys than for girls. Sex differences in the middle class group were smaller than in the other groups, that is, a more rigid pattern of sex role expectations was found in the lower class groups.

Occupations mentioned by mother were also classified in "masculine" and "feminine" categories. In all three groups very few boys were expected to have "feminine" jobs. But on the girls side it was found a greater variation, specially in the middle class group. This seems to indicate that in this case the sex role stereotype is more rigid for boys than for girls.

COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

Muito se tem escrito a respeito da desigualdade de oportunidades educacionais e ocupacionais que existe entre a população masculina e a feminina. Mesmo nos países considerados "mais desenvolvidos" essas desigualdades ocorrem nas oportunidades

oferecidas tanto pelo mercado de trabalho como pelas várias instituições educacionais.

Além de participar em menor número na estrutura ocupacional, as mulheres geralmente se encaminham para ocupações de menor prestígio e, conseqüentemente, de mais baixa remuneração. A sua distribuição pelos vários níveis e tipos de ensino reforçam ainda mais esta situação, já que, na sua maioria, se encaminham para cursos que as preparam

* Comunicação apresentada à XXVII Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, julho de 1975.

** Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

para profissões tradicionalmente femininas, como por exemplo aquelas ligadas à educação de crianças.

Vários fatores têm sido apontados como responsáveis por essa situação. Os trabalhos que procuram analisar o problema de um ponto de vista macro-social apontam para as contradições existentes dentro do próprio sistema econômico capitalista, que seriam responsáveis pela não inclusão de certas categorias sociais, como as minorias étnicas, as massas marginalizadas, os velhos, as mulheres, etc., na força de trabalho global. Isto é, esta situação de desigualdade enfrentada pelas mulheres seria apenas o reflexo de um problema estrutural mais amplo, cuja solução envolveria mudanças profundas na sociedade como um todo. No entanto, mesmo os autores que aceitam esse tipo de explicação não negam o fato de que, até nas sociedades socialistas, onde essas contradições próprias de sistema capitalista não deveriam existir, as mulheres ainda não chegaram a uma posição de igualdade em relação aos homens. Isto parece indicar que aquela explicação macro-estrutural não esgota totalmente o problema. Outros fatores, que não os ligados diretamente ao sistema de produção, parecem estar influenciando na manutenção deste padrão tradicional de desigualdade. Tal como ocorre com o tipo de esquema explicativo citado, nenhum deles, por si só, é capaz de explicar totalmente a questão. No entanto, acreditamos ser possível a exploração de cada um desses fatores intervenientes, em vários níveis de profun-

didade, a fim de se obter um quadro explicativo mais amplo, sempre que se tenha o cuidado de não os considerar auto-suficientes.

É assim que este trabalho se propõe a analisar um aspecto muito limitado do problema, mas nem por isso menos importante: as aspirações e expectativas existentes na família em relação ao futuro profissional do menino e da menina, as quais, intervindo no processo de socialização de cada um, viriam reforçar uma situação de fato encontrada na sociedade. Na realidade, essas aspirações familiares, além de terem um poder de influência próprio, refletem uma série de atitudes e padrões de comportamento que existem na família. Isto é, além de colaborarem para a formação das expectativas que a própria criança tem de seu futuro acabam por influir naquelas decisões que a família eventualmente toma sobre o encaminhamento educacional e ocupacional dos filhos.

Essas aspirações e expectativas familiares refletem, provavelmente, padrões de comportamento prevalentes em cada setor da sociedade. Variam, portanto, conforme se trate de setores mais integrados, mais modernizados, ou de setores mais marginais, mais tradicionais. Por outro lado, esses padrões de comportamento diversos dependem do tipo de situação na qual cada setor está inserido, o que determina o maior ou menor grau de opção disponível para cada unidade familiar.

HIPÓTESES

Levando em conta todos esses condicionantes, procurou-se verificar se as aspirações e expectativas que mães de crianças de 4 a 6 anos de idade têm a respeito do futuro de seus filhos são influenciadas pelo sexo da criança e se isto ocorre de forma diferente conforme a camada social considerada.

As hipóteses que levantamos podem ser assim esquematizadas:

- 1) As mães têm aspirações e expectativas mais altas em relação ao futuro educacional e ocupacional dos seus filhos do que em relação ao de suas filhas.
- 2) As diferenças entre as aspirações e expectativas

para meninos e meninas aumentam conforme se passe de uma população de "classe média" para uma população de renda baixa e conforme se passe desta população de renda baixa para uma população menos urbana, menos integrada, mais "marginal".

Pode-se considerar a primeira hipótese como o correlato óbvio da tradicional divisão de trabalho que existe entre os sexos e a segunda como o reflexo das diferentes velocidades de mudança existentes nos vários setores que compõem uma sociedade como a nossa, o que influiria nas diferentes percepções do papel que meninos e meninas poderão assumir no futuro.

AMOSTRA

Composição

A amostra de que se dispunha¹ era constituída basicamente por três grupos de mães:

- 1) 90 mães representando famílias de níveis de

renda média e alta, cujos filhos freqüentam escolas particulares da cidade de São Paulo e que compõem o grupo "Nível Sócio-Econômico Médio (N.S.E. Médio-SP)"².

1 Foram utilizadas as amostras selecionadas para as pesquisas realizadas em São Paulo (Poppovic et. al., 1975) e em Brasília (Poppovic et. al., 1974).

2 Embora uma certa parte deste grupo pudesse ser considerado como sendo de nível alto, preferimos o rótulo "nível médio" que não deve, portanto, ser tomado como uma definição.

- 2) 90 mães representando famílias de nível de renda baixa, cujos filhos freqüentam parques infantis da Prefeitura de São Paulo, situados em bairros semi-periféricos, e que compõem o grupo "Nível Sócio-Econômico Baixo de São Paulo" (N.S.E. Baixo-SP).
- 3) 90 mães representando famílias de nível de renda muito baixa, cujos filhos mais velhos freqüentam escolas públicas de Ceilândia, cidade satélite

de Brasília, e que compõem o grupo "Nível Sócio-Econômico Baixo-Brasília". (N.S.E. Baixo-BR).

No 1.º e 2.º grupo, 45 mães foram entrevistadas a respeito de suas filhas e 45 sobre seus filhos. Em Brasília, das 90 mães, 51 responderam sobre suas filhas e 39 sobre seus filhos.

A Tabela 1 esquematiza a composição da amostra.

TABELA 1 — COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

| | Mães de Meninos | Mães de Meninas | Totais |
|-----------------|-----------------|-----------------|------------|
| N.S.E. Médio-SP | 45 | 45 | 90 |
| N.S.E. Baixo-SP | 45 | 45 | 90 |
| N.S.E. Baixo-BR | 39 | 51 | 90 |
| TOTAIS | 129 | 141 | 270 |

Caracterização

Conforme já foi exposto, de forma mais completa, em pesquisas anteriores (Poppovic et al., 1974 e 1975), os três grupos que compõem a presente amostra representam, cada um deles, uma camada social com características muito diferentes entre si.

Em primeiro lugar, o próprio local de moradia destas famílias indica a sua composição social diversa. Assim, as famílias que pertencem ao grupo N.S.E. Médio-SP, moram em bairros centrais da cidade de São Paulo, os chamados bairros residenciais de classe média e alta (Paraíso, Ibirapuera, Pinheiros, etc.). As famílias do grupo N.S.E. Baixo-SP, residem em bairros mais afastados das zonas semi-periféricas e periféricas da cidade (Vila Maria, Vila Mangalot, Santo Amaro, etc.). As que compõem o grupo N.S.E. Baixo-BR, finalmente, são moradoras de Ceilândia, uma das cidades satélites mais pobres do Distrito Federal, para onde foi removida, há alguns anos, a favela conhecida como "Vila do I.A.P.I."

Através das informações sobre o local de nascimento das crianças, é possível obter-se um quadro aproximado do número de famílias oriundas de zonas rurais em cada um dos grupos.

TABELA 2 — FAMÍLIAS PROVENIENTES DE ZONAS RURAIS

| | |
|-----------------|-------|
| N.S.E. Médio-SP | — |
| N.S.E. Baixo-SP | 2,2% |
| N.S.E. Baixo-BR | 12,2% |

Há variações na média de idade das mães entrevistadas: o grupo de São Paulo é pouco mais jovem do que o de Brasília.

TABELA 3 — MÉDIA DE IDADE DAS MÃES

| | |
|-----------------|----------|
| N.S.E. Médio-SP | 31a. |
| N.S.E. Baixo SP | 30a. 6m. |
| N.S.E. Baixo-BR | 35a. 4m. |

A Tabela 4 resume os dados referentes à renda familiar de cada um dos grupos, ao lado dos dados obtidos pelo I.P.E. sobre a população do município de São Paulo (USP. Instituto de Pesquisas Econômicas, 1972), que servem como elemento de comparação.

Com relação aos grupos de N.S.E. baixo de São Paulo e Brasília, na realidade as diferenças são maiores, quando se leva em conta o número médio de filhos por família, que em São Paulo é 2,6 enquanto em Brasília é 5,8.

As mesmas diferenças se refletem nos dados sobre escolaridade³ do pai e da mãe que se encontram nas Tabelas 5 e 6.

³ Nas tabelas referentes a nível de escolaridade mantivemos a nomenclatura usada no questionário de São Paulo, que ainda é mais difundida do que a estabelecida pela Lei 5.962. Somente em Brasília é que esta última foi usada (Poppovic et al., 1974 e 1975).

TABELA 4 — NÍVEL DE RENDA NA AMOSTRA E NA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

| Renda Familiar Mensal (Salários mínimos) | N.S.E. Médio-SP (%) | N.S.E. Baixo-SP (%) | N.S.E. Baixo-BR (%) | Pop. do Município de São Paulo (%) |
|---|---------------------------|---------------------------|---------------------------|--|
| 1 ou menos | — | 3,33 | 10,0 | 1,42 |
| 1 — 2 | — | 12,22 | 31,1 | 7,22 |
| 2 — 6 | — | 72,22 | 56,7 | 46,93 |
| 6 — 12 | 2,22 | 12,23 | 2,2 | 26,04 |
| 12 — 20 | 12,22 | — | — | 10,61 |
| mais de 20 | 85,56 | — | — | 7,72 |
| TOTAIS | 100 | 100 | 100 | 100 |

TABELA 5 — NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI NA AMOSTRA E NA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

| | N.S.E. Médio-SP (%) | N.S.E. Baixo-SP (%) | N.S.E. Baixo-BR (%) | Pop. do Município de São Paulo (%) |
|---------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|--|
| Universitário | 71,1 | 1,1 | — | 4,0 |
| Colegial | 18,9 | 2,2 | — | 7,6 |
| Ginasial | 8,9 | 3,3 | 3,4 | 9,7 |
| Primário | — | 55,5 | 33,7 | 41,5 |
| Primário incompleto | 1,1 | 36,7 | 52,8 | 22,6 |
| Sem instrução | — | 1,1 | 10,1 | 14,6 |
| TOTAIS | 100 | 100 | 100 | 100 |

TABELA 6 — NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE

| | N.S.E. Médio-SP (%) | N.S.E. Baixo-SP (%) | N.S.E. Baixo-BR (%) |
|---------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Universitário | 24,4 | — | — |
| Colegial | 44,5 | 1,1 | — |
| Ginasial | 28,9 | 1,1 | — |
| Primário | 2,2 | 51,1 | 30,0 |
| Primário incompleto | — | 40,0 | 46,7 |
| Sem instrução | — | 6,7 | 23,3 |
| TOTAIS | 100 | 100 | 100 |

Em relação a estas duas últimas tabelas, é interessante observar que as diferenças são grandes não só quando se comparam os três grupos entre si, como também quando consideramos, dentro de cada grupo, o nível atingido pelos pais em comparação com o das mães.

Os dados apresentados justificam, portanto, a composição da amostra em três grupos distintos, já que as diferenças de renda e nível educacional existem não só entre o grupo de N.S.E. médio e os outros como também entre os dois grupos de N.S.E. baixo.

COLETA E ANALISE DOS DADOS

Os questionários utilizados foram elaborados para a pesquisa sobre Marginalização Cultural já citada. Foram preenchidos por entrevistadores que anotaram as respostas das mães e as codificaram. As entrevistas de São Paulo foram realizadas em maio de 1974 e as de Brasília, em setembro do mesmo ano. No presente trabalho foram utilizados os dados referentes a três itens do questionário:

1) Aspiração educacional:

“Até que ano da escola a senhora quer que seu filho(a) chegue? (ou gostaria que ele chegasse?)”.

2) Expectativa educacional real:

“Agora, pensando em todas as dificuldades que

podem existir, até que ano a senhora acha que ele(ela) vai chegar?”.

3) Aspiração ocupacional:

“Que é que a senhora gostaria que seu filho(a) fosse quando crescesse?”.

Os dados referentes às três questões foram ta-

bulados segundo as categorias previstas no questionário, sendo que as respostas relativas à terceira questão foram também analisadas qualitativamente, através de uma classificação em profissões predominantemente masculinas e predominantemente femininas (Tabela 7).

TABELA 7 — ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL

| | N.S.E. Médio-SP | | N.S.E. Baixo-SP | | N.S.E. Baixo-BR | |
|---------------------|-----------------|-------------|-----------------|-------------|-----------------|-------------|
| | meninos (%) | meninas (%) | meninos (%) | meninas (%) | meninos (%) | meninas (%) |
| Primário | — | — | 2,2 | 2,2 | 2,5 | — |
| Ginásio | — | — | 22,2 | 31,1 | 10,3 | 11,8 |
| Secundário completo | 2,2 | 2,2 | 11,1 | 35,6 | 5,1 | 29,4 |
| Universidade | 97,8 | 97,8 | 62,3 | 26,7 | 71,8 | 43,1 |
| Não sabe | — | — | 2,2 | 4,4 | 10,3 | 15,7 |
| TOTAIS | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

No NSE médio as aspirações das mães são exatamente iguais tanto para os meninos quanto para as meninas. Já em relação aos dois outros grupos o mesmo não ocorre. Nas tabelas seguintes (8 e 9) encontram-se os dados referentes aos dois grupos de N.S.E. baixo, tendo sido eliminados os “não sei” e reagrupadas algumas categorias para possibilitar o cálculo do qui-quadrado. Na Tabela 9 os níveis primário, ginásio e secundário completo foram agrupados em função da distribuição dos dados.

TABELA 8 — ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL — N.S.E. BAIXO-SP

| | meninos | | meninas | |
|---------------------|---------|------|---------|------|
| | f | % | f | % |
| Primário — Ginásio | 11 | 25,0 | 15 | 34,9 |
| Secundário completo | 5 | 11,3 | 16 | 37,2 |
| Universidade | 28 | 63,7 | 12 | 27,9 |
| TOTAIS | 44 | 100 | 43 | 100 |

($\chi^2_c = 9,210$)
sig = 0,01

TABELA 9 — ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL — N.S.E. BAIXO-BR

| | meninos | | meninas | |
|---|---------|------|---------|------|
| | f | % | f | % |
| Primário, Ginásio e Secundário completo | 6 | 17,6 | 21 | 48,8 |
| Universidade | 28 | 82,4 | 22 | 51,2 |
| TOTAIS | 34 | 100 | 43 | 100 |

($\chi^2_c = 8,120$)
sig = 0,01

Assim, embora a primeira hipótese não se tenha confirmado em relação ao N.S.E. médio, os dados referentes aos dois grupos de N.S.E. baixo demonstram que as aspirações educacionais são significativamente mais altas para os meninos do que para as meninas em ambos os grupos.

Por outro lado, confirmou-se, em parte, a segunda hipótese levantada, ou seja, existe uma diferença entre as atitudes reveladas pelas mães de

N.S.E. médio e baixo nas respostas a esta pergunta. As mães de nível médio desejam que seus filhos cheguem até à universidade, independentemente do fato de serem meninos ou meninas.

Expectativa educacional real

Quando se passa do plano ideal para uma expectativa de realidade, vemos que os resultados se mo-

dificam no nível baixo, onde há uma diminuição geral nas expectativas. Não foram encontradas, porém, diferenças estatisticamente significativas em cada um dos níveis educacionais, em função do sexo da criança, ainda que os resultados encontrados sigam a direção prevista. Isto é, as mães parecem considerar que as dificuldades existem tanto para seus filhos como para suas filhas, mas numa proporção maior para as últimas (Tabela 10).

TABELA 10 — EXPECTATIVA EDUCACIONAL REAL

| | <i>N.S.E. Médio-SP</i> | | <i>N.S.E. Baixo-SP</i> | | <i>N.S.E. Baixo-BR</i> | |
|---------------|------------------------|--------------------|------------------------|--------------------|------------------------|--------------------|
| | <i>meninos (%)</i> | <i>meninas (%)</i> | <i>meninos (%)</i> | <i>meninas (%)</i> | <i>meninos (%)</i> | <i>meninas (%)</i> |
| Primário | — | — | 4,4 | 8,8 | 5,2 | 2,0 |
| Ginásio | — | 2,2 | 33,3 | 40,0 | 15,4 | 27,5 |
| Secundário | 2,2 | 6,7 | 15,6 | 15,6 | 12,8 | 21,5 |
| Universidade | 97,8 | 88,9 | 28,9 | 17,8 | 41,0 | 27,5 |
| Não sabe | — | 2,2 | 17,8 | 17,8 | 25,6 | 21,5 |
| TOTAIS | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Considerando somente o grupo de meninas, verifica-se que, em função do nível sócio-econômico das mães, surgem diferenças nas expectativas reais, ($\chi^2_c = 38,75$, sig = 0,001). Saliente-se ainda que as mães de nível baixo de São Paulo, revelaram-se mais pessimistas do que as de Brasília, o que talvez reflita a maior facilidade de acesso ao sistema escolar que existe no Distrito Federal.

Aspiração ocupacional

Agrupando as profissões citadas pelas mães segundo a Escala de Prestígio Ocupacional de Bertram Hutchinson, modificada pela equipe do CRPE (1966), obtiveram-se os dados apresentados na Tabela 11.

TABELA 11 — ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL

| <i>Níveis de prestígio ocupacional</i> | <i>N.S.E. Médio-SP</i> | | <i>N.S.E. Baixo-SP</i> | | <i>N.S.E. Baixo-BR</i> | |
|--|------------------------|--------------------|------------------------|--------------------|------------------------|--------------------|
| | <i>meninos (%)</i> | <i>meninas (%)</i> | <i>meninos (%)</i> | <i>meninas (%)</i> | <i>meninos (%)</i> | <i>meninas (%)</i> |
| 1. Altos cargos políticos e administrativos, grandes proprietários | 2,2 | — | — | — | — | — |
| 2. Profissões liberais, cargos de direção, médios proprietários | 88,9 | 71,2 | 84,5 | 44,4 | 79,4 | 37,3 |
| 3. Supervisão de ocupações não manuais, pequenos proprietários | — | 13,3 | 8,9 | 11,2 | 2,6 | 2,0 |
| 4. Ocupações não manuais de rotina | — | 2,2 | 4,4 | 44,4 | 5,1 | 56,8 |
| 5. Supervisão de trabalho manual | — | — | — | — | 2,6 | — |
| 6. Ocupações manuais especializadas | — | — | 2,2 | — | 10,3 | 3,9 |
| 7. Ocupações manuais não especializadas | — | — | — | — | — | — |
| 8. Não sabe | 8,9 | 13,3 | — | — | — | — |
| TOTAIS | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

No grupo de nível médio, considerando somente a categoria 2 — a única que permite comparação — as proporções de mães que desejam profissões liberais para seus filhos diferem significativamente (a 0,05) conforme o sexo da criança.

No grupo de nível baixo de São Paulo o qui-quadrado foi calculado para as categorias 2 e 4 sendo altamente significativo ($\chi^2_0 = 20,31$).

(sig = 0,001)

Os dados encontram-se na tabela 12.

TABELA 12 — ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL — N.S.E. BAIIXO-SP

| <i>Categorias de prestígio</i> | <i>meninos</i> | <i>meninas</i> |
|--------------------------------|----------------|----------------|
| 2 | 38 | 20 |
| 4 | 2 | 20 |
| TOTAIS | 40 | 40 |

No grupo de Brasília foram reagrupadas as categorias 4, 5 e 6, obtendo-se a Tabela 13.

TABELA 13 — ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL — N.S.E. BAIIXO-BR

| <i>Categorias de prestígio</i> | <i>meninos</i> | <i>meninas</i> |
|--------------------------------|----------------|----------------|
| 2 | 31 | 19 |
| 4 + 5 + 6 | 7 | 31 |
| TOTAIS | 38 | 50 |

As diferenças são também altamente significativas

($\chi^2_0 = 16,715$)

(sig = 0,001).

Nos três grupos, portanto, existem diferentes aspirações em relação a meninos e meninas. As mães desejam para seus filhos profissões de maior prestígio, o que ocorre de forma mais acentuada nos grupos de N.S.E. baixo.

No entanto, esta análise baseada em categorias de prestígio ocupacional, não esgota totalmente as diferenças existentes entre as profissões desejadas pelas mães para seus filhos e filhas, já que, dentro de uma mesma categoria é possível distinguir entre profissões tradicionalmente femininas e masculinas. Além disso, o tipo de ocupações citadas e os comentários adicionais que foram registrados podem revelar mais sobre as aspirações maternas. Para não

deixar de lado estas outras informações, foi feita uma análise qualitativa das ocupações citadas.

A Tabela 14 é um resumo das profissões mencionadas, classificadas por área de atividade e reunidas sob uma denominação mais geral, ou seja, sem as especializações de cada uma delas. Assim, por exemplo, "engenheiro eletrônico" e "médico pediatra" aparecem apenas como "engenharia" e "medicina". No caso de várias profissões mencionadas pela mesma mãe, optou-se por considerar todas elas, de modo que o total de cada coluna não corresponde ao total de sujeitos em cada grupo.

A primeira vista, chama a atenção nessa tabela o grande número de mães que desejam que seus filhos se tornem médicos. Esta profissão é, de longe, a mais citada nos três grupos considerados e para os dois sexos, às vezes com qualificativos como "é nobre" ou "é tão bonito". Mais curioso ainda é o fato de que a maior diferença entre os sexos está no grupo de nível médio, onde dois terços das mães que citaram "medicina" são mães de meninos. Parece, portanto, que houve uma evolução na imagem desta profissão, que já é considerada como também apropriada para a mulher. Paradoxalmente esta evolução parece ter sido maior nos grupos de nível baixo. Em relação às demais profissões liberais, a engenharia é quase que só desejada para meninos e a psicologia, exclusivamente para meninas. Duas respostas de mães de nível médio explicitam melhor isto. Para elas o ideal é "línguas para mulher e engenharia para homem" ou "psicologia para menina e administração de empresas para menino".

Em relação às ocupações ligadas ao ensino, é interessante notar que o magistério primário é ainda a profissão predileta das mães de meninas de Brasília, o que já não acontece de forma tão marcante com o grupo de nível baixo paulista. As profissões artísticas, por sua vez, são mais valorizadas pelas mães de meninas de nível médio.

É de se notar, ainda, que todas as mães de nível baixo responderam à questão, enquanto no grupo de N.S.E. médio várias se recusaram a responder. Uma delas, mãe de menina, chegou a colocar que "na verdade, isto é um branco para mim".

Além disso, enquanto no nível médio as respostas evidenciaram, por sua variedade e eventual sofisticação, que as mães se encontravam relativamente bem informadas sobre as várias opções profissionais, as respostas das mães de nível baixo revelaram, ao contrário, uma falta de conhecimento muito grande sobre a grande variedade de carreiras existentes atualmente. Poucas fugiram das tradicionais profissões "médico", "enfermeira", "engenheiro" e "professora".

TABELA 14 — ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL
(número de vezes em que as profissões foram citadas)

| Profissões | N.S.E. Médio-SP | | N.S.E. Baixo-SP | | N.S.E. Baixo-BR | |
|---|-----------------|-----------|-----------------|-----------|-----------------|-----------|
| | masc. | fem. | masc. | fem. | masc. | fem. |
| A. Liberais | | | | | | |
| — medicina | 21 | 10 | 20 | 17 | 18 | 14 |
| — engenharia | 14 | 2 | 14 | — | 11 | — |
| — direito | 3 | 2 | 6 | 5 | 1 | 1 |
| — arquitetura | 2 | 4 | — | — | — | — |
| — psicologia | — | 5 | — | 1 | — | 1 |
| — outros (odontologia, economia, veterinária, adm. empresas, diplomacia, ciências exatas, liberal s/ especificar) | — | — | — | — | — | — |
| Total | 46 | 30 | 42 | 24 | 30 | 17 |
| B. Ligadas ao ensino | | | | | | |
| — professora primária | — | — | — | 4 | — | 23 |
| — professor (sem especificação) | 1 | 2 | 2 | 12 | 3 | 2 |
| — pedagogia, línguas | — | 5 | — | 2 | — | 1 |
| Total parcial | 1 | 7 | 2 | 18 | 3 | 26 |
| — carreira universitária (ensino, pesquisa) | 4 | 1 | — | — | — | 1 |
| Total | 5 | 8 | 2 | 18 | 3 | 27 |
| C. Artísticas | | | | | | |
| — atriz, bailarina, cantor | — | 2 | — | 1 | 1 | 1 |
| — pintura, música, artes | 1 | 4 | — | — | — | — |
| Total | 1 | 6 | — | 1 | 1 | 1 |
| D. Ligadas ao terciário ("white collars") | | | | | | |
| — jornalismo, propaganda, relações humanas | 1 | 1 | — | 1 | — | — |
| — gerente, chefe de escritório | — | — | 1 | — | 1 | 1 |
| — desenhista, contador, secretária | — | — | 4 | 4 | — | 1 |
| Total | 1 | 1 | 5 | 5 | 1 | 2 |
| E. Enfermagem (enfermeira e auxiliar de enfermagem) | | | | | | |
| | — | — | — | 4 | — | 5 |
| F. Militar, policial | | | | | | |
| | — | — | 1 | — | 1 | — |
| G. Profissões de menor prestígio | | | | | | |
| — eletricitista, motorista, carpinteiro, mecânico | — | — | 1 | — | 3 | — |
| — alfaiate, costureira, cabeleireira | — | — | — | — | 1 | 2 |
| Total | — | — | 1 | — | 4 | 2 |
| H. Sem resposta ("não sei") | | | | | | |
| | 4 | 6 | — | — | — | — |

Tendo em vista o fato de que, na nossa sociedade, consideram-se algumas profissões mais apropriadas para mulheres e outras para homens, o que se reflete em nível de prestígio e remuneração desiguais, procurou-se verificar a manifestação desta tendência nas respostas dadas em cada grupo de

mães. Esta análise visa completar a que foi feita em relação às profissões agrupadas segundo a escala de Hutchinson, já que naquela categorização não está explícita a distinção entre profissões mais "femininas" ou "masculinas" em cada nível (ver Tabela 15).

TABELA 15 — PROFISSÕES PREDOMINANTEMENTE MASCULINAS E FEMININAS

| | N.S.E. Médio-SP | | N.S.E. Baixo-SP | | N.S.E. Baixo-BR | |
|---|-----------------|-------------|-----------------|-------------|-----------------|-------------|
| | meninos (%) | meninas (%) | meninos (%) | meninas (%) | meninos (%) | meninas (%) |
| Profissões predominantemente masculinas | 95,1 | 53,8 | 95,6 | 42,2 | 94,9 | 35,3 |
| Profissões predominantemente femininas | 4,9 | 46,2 | 4,4 | 57,8 | 5,1 | 64,7 |
| TOTAIS | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Como critério de classificação, utilizou-se o esquema de Ferretti (1974, p. 10) que combina a categorização proposta por Roe (1956) e dados do Censo de 70, relativos à porcentagem de mão-de-obra feminina em cada ramo de atividade no país. Como este esquema inclui somente profissões de nível universitário, as profissões que não constavam foram classificadas também com base nos dados do Censo (Fundação IBGE, 1970), e dados do MEC (BRASIL: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Estatística da Educação e Cultura, 1972) relativos à porcentagem de pessoal docente feminino em cada nível de ensino. As ocupações para as quais não foi encontrado esse tipo de informações foram classificadas por aproximação em relação às incluídas nas fontes acima citadas.

Assim, profissões liberais como medicina, engenharia, arquitetura, advocacia etc. foram classificadas como predominantemente masculinas. As profissões ligadas ao ensino foram consideradas femininas, com exceção das vinculadas à pesquisa em ciências exatas e carreiras universitárias. Psicolo-

gia, enfermagem, secretariado e semelhantes também foram classificadas como femininas, juntamente com algumas profissões artísticas. Desenhista, contador, operários especializados foram consideradas masculinas. Estes exemplos não esgotam todas as ocupações mencionadas mas dão uma idéia geral do tipo de classificação usado.

Nos três grupos, as profissões desejadas para os meninos são predominantemente masculinas. Quanto às meninas, há um aumento na porcentagem de escolhas de profissões femininas à medida que o nível sócio-econômico se torna mais baixo. Assim, as aspirações em relação ao futuro profissional dos meninos, além de mais altas que as referentes às meninas, parecem seguir um padrão muito mais rígido, onde quase não há margem para desvios.

Considerando somente as profissões desejadas para as meninas e comparando os grupos dois a dois, foram encontradas diferenças significativas entre o grupo de nível médio de São Paulo e o grupo de Brasília ($\chi^2_c = 6,635$)
(sig = 0,01)

CONCLUSÕES

Resumindo, as hipóteses levantadas foram confirmadas em todos os aspectos considerados, com exceção da primeira hipótese, que não se confirmou estatisticamente em relação à questão sobre as expectativas educacionais reais.

Assim, nos três grupos, os níveis educacionais e ocupacionais desejados pelas mães para seus filhos são mais altos para os meninos do que para as meninas.

No grupo de nível sócio-econômico médio já existem algumas aberturas em relação à percepção do papel profissional da mulher, que se refletem

nas menores diferenças encontradas nas aspirações educacionais e ocupacionais para os dois sexos.

As meninas de nível mais baixo, portanto, além de encontrarem maiores dificuldades na sua vida escolar e profissional, parecem sofrer os efeitos de atitudes familiares que as prejudicam ainda mais. Mesmo no grupo de nível médio, comparativamente mais liberal em suas atitudes, ainda se planeja de maneira diferente o futuro de meninas e meninos.

Um outro aspecto a ser ressaltado é a maior rigidez que parece existir a respeito do futuro profissional dos meninos, como se o menor nível de aspiração existente com relação às meninas fosse a

contrapartida da ausência de flexibilidade no padrão que é julgado apropriado para os homens.

Concluindo, é importante notar que essas aspirações e expectativas estão influenciando crianças que

chegarão à idade adulta no final da próxima década. Isto parece indicar que mudanças no sentido de uma maior igualdade entre as oportunidades para os dois sexos encontrarão ainda esta barreira à sua frente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Estatística da Educação e Cultura. 1972. *Estatísticas da educação nacional: 1960/71*. Rio de Janeiro.
- CRPE. 1966. *Escala ocupacional*. Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho", São Paulo.
- FERRETTI, Celso João. 1974. *A mulher e a escolha vocacional*. Projeto de pesquisa. Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Ex. mimeo.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Tabulações avançadas do censo demográfico: VIII Recenseamento geral: 1970 — Resultados preliminares*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Estatística, Departamento de Censos, 1971.
- POPPOVIC, Ana Maria; ESPÓSITO, Yara Lúcia e CAMPOS, Maria M. Malta. 1974. *Marginalização cultural: subsídios para um currículo pré-escolar em Brasília*; Relatório apresentado à Secretaria da Educação do Distrito Federal. Fundação Carlos Chagas, São Paulo; 1975. *Marginalização cultural: subsídios para elaboração de um currículo pré-escolar*. *Cadernos de Pesquisa*, (14): 7-73 set.
- ROE, Anne. 1956. *Psychology of occupations*. John Wiley and Sons. New York.
- USP. INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. 1972. *Orçamentos familiares na Cidade de São Paulo: 1971/72*; por José Tiecci Kirsten e outros. São Paulo.

[Recebido para publicação em julho de 1975].